

A verdadeira
história da
VIRGEM
MARIA

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

JOÃO CARLOS
ALMEIDA

A verdadeira
história da
VIRGEM
MARIA



Planeta



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © João Carlos Almeida, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Copyright das imagens da *Madonna della Strada* © Chiesa del Gesù
Todos os direitos reservados.

Preparação: Thiago Fraga
Revisão: Nine Editorial
Diagramação: Márcia Matos
Capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil
Imagem de capa: Rijksmuseum

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Almeida, João Carlos
A verdadeira história da Virgem Maria / João Carlos Almeida. – São Paulo:
Editora Planeta do Brasil, 2020.
208 p.

ISBN 978-65-5535-026-5

1. Maria, Virgem, Santa - Romance histórico I. Título

20-1802

CDD 232.91

Índices para catálogo sistemático:
1. Virgem Maria - Romance histórico

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

1	O ENIGMA DA IMAGEM	9
2	A ORIGEM DA MENINA DE NAZARÉ.....	17
3	NA MORADA DE JOSÉ.....	23
4	A CONVERSA COM O ANJO	27
5	A PRIMA ISABEL	33
6	O DRAMA DE JOSÉ	41
7	NOITE FELIZ: O MENINO NASCEU	45
8	A INFÂNCIA DO MENINO-DEUS	51
9	UM GRANDE SUSTO	63
10	O FILHO PARTE EM MISSÃO	69
11	MÃE DO FAMOSO MESTRE DA GALILEIA.....	77
12	MÃE DE UM PROFETA ATREVIDO.....	81
13	MÃE DE UM HOMEM PERSEGUIDO.....	87
14	MÃE DE UM DEUS CONDENADO	91
15	O NOVO FILHO JOÃO	95
16	BOAS NOTÍCIAS.....	99
17	O DIA DO FOGO	103

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

18 A VIDA EM JERUSALÉM	107
19 ÚLTIMOS DIAS EM ÉFESO	113
20 A MÃE DE DEUS	119
21 MEMÓRIAS CULTIVADAS.....	123
22 A VIRGEM DE GUADALUPE	129
23 NOSSA SENHORA APARECIDA.....	135
24 NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS.....	139
25 LÁGRIMAS DE MÃE: LA SALETTE	143
26 A IMACULADA CONCEIÇÃO	151
27 NOSSA SENHORA DE LOURDES	155
28 O SEGREDO DE FÁTIMA	159
29 UM PAPA NO COLO DA MÃE.....	167
30 DE VOLTA AO ENIGMA DA IMAGEM	181
NOTÍCIA HISTÓRICA.....	187
FONTES.....	189
20 PRECES MARIANAS	198

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



TRECHTO REPRODUZIDO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA

CAPÍTULO 1

O ENIGMA DA IMAGEM

Junho de 2005. Chego a Roma para passar um ano de estudos em uma das maiores universidades católicas do mundo: a Gregoriana, verdadeiro santuário jesuíta do saber. No ar ainda se podia sentir a saudade do Papa João Paulo II, falecido pouco antes, no dia 2 de abril daquele ano, após vinte e seis anos exercendo sua missão de pastor da humanidade. Em seu sepultamento, o povo gritava na Praça São Pedro: *Santo Subito* (“Que seja canonizado imediatamente”). Foi o terceiro pontificado mais longo da história; menor em relação ao do apóstolo Pedro e ao do Papa Pio IX, que permaneceu pontífice por trinta e dois anos. João Paulo II começava sua missão exatamente cem anos após a morte de Pio IX e assumiu como lema uma verdadeira consagração mariana: *Totus tuus Mariae* (Todo teu, Maria!).

Agora o mundo tentava se acostumar com um papa tímido que não tinha nada do carisma popular do seu predecessor, mas que era um vulcão de sabedoria teológica. O cardeal alemão Joseph Aloisius Ratzinger foi eleito no dia

19 de abril em um dos conclaves mais rápidos da história, em apenas vinte e duas horas. A fumaça branca, que anuncia a eleição do novo papa, invadiu o céu de Roma às 17h50: *Habemus Papam*. O mundo o conheceria pelo nome de Bento XVI.

Enquanto eu aprendia as primeiras frases completas em italiano, aproveitava para conhecer um pouco daquele verdadeiro museu a céu aberto que é Roma. Naquela manhã acordei bem cedo e cheguei antes de todos à capela do nosso Colégio Internacional, onde vivia com mais de cinquenta sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, conhecidos como dehonianos, devido ao seu fundador, o francês Léon Dehon (1843-1925). Após a costumeira oração matinal e missa, fiz um rápido café da manhã ao tradicional modo italiano: *cornetto e cappuccino*, que nada mais é do que um *croissant* e uma xícara de café com leite. Estava especialmente ansioso naquele dia, pois deveria me apresentar na universidade para fazer a entrevista de ingresso no doutorado em Teologia Espiritual. Havia treinado o que deveria dizer em italiano ao decano do Instituto de Espiritualidade. Era meu primeiro voo solitário fora da terra natal. Desci a colina do Colégio Internacional, andei alguns metros na avenida Leão XIII e aguardei o ônibus 916 na praça Pio XI. Tudo era muito novo para mim. O ônibus desceu a avenida Gregório VII e, em minutos, colocou-me perante a famosa cúpula da Basílica do Vaticano. Meu coração batia um pouco mais rápido. Eu estava exatamente no coração da Igreja. Entramos na avenida Vittorio Emanuele e chegamos, por fim, à Praça Argentina. Nada daquilo fazia muito sentido. Os nomes das avenidas eram estranhos e eu não conseguia compreender por que deixar aquelas colunas e ruínas sem

nenhum tipo de restauração, habitadas por uma legião de gatos. Não podia imaginar que ali permanecia respirando um dos núcleos urbanos mais importantes da Roma Antiga. Não conseguia perceber o lugar, bem ao lado, onde teria sido o Senado Romano em cujas escadarias, cem anos antes de Cristo, foi apunhalado e morto o imperador Júlio César, traído pelos senadores e até por seu filho Marcus Brutus. Os conhecedores desses fatos ainda hoje parecem ouvir o grito do imperador: “Até tu Brutus, meu filho?!”. Clamores de sangue jamais se calam. Séculos de história permaneciam ali, a céu aberto, para quem tivesse olhos para ver. Quem preserva a memória promove a história.

Dez minutos de caminhada e chegaria à Universidade Gregoriana. Porém, tinha algum tempo antes da minha entrevista. Foi então que algo incrível aconteceu. Roma tem uma igreja em cada esquina. Dificilmente conseguimos entrar em todas. Cada uma delas, por sua vez, tem seus segredos e seus mistérios. Aquela era apenas mais uma dentre milhares. Nada diferente por fora, mas senti um impulso para entrar e fazer um breve momento de oração. Não podia imaginar que estava diante de quinhentos anos de história da Companhia de Jesus, os jesuítas. Ali é possível visitar o quarto onde Santo Inácio de Loyola passou os últimos doze anos de sua vida escrevendo a *Regra de Vida* e uma imensa quantidade de cartas. Naquele lugar morreu, em 31 de julho de 1556; e é naquela igreja que continua sepultado. Por aqueles anos, mais exatamente em 1563, o jesuíta José de Anchieta escreveria nas areias de uma praia brasileira o seu famoso “Poema à Virgem Maria”.

Ao entrar na *Chiesa del Gesù* fiquei deslumbrado com tamanha beleza de pinturas e afrescos. Um velho sacerdote

fazia plantão no confessionário, sempre com uma pequena fila de penitentes. O silêncio misturava a piedade dos devotos com a curiosidade dos turistas. Naquele momento eu era a mistura dos dois. Passei sem pressa diante de cada altar lateral e fui contemplando o martírio de Santo André, o Calvário, a paixão de Cristo, sete arcanjos adorando a Santíssima Trindade, a Sagrada Família e outros. Cheguei ao altar de São Francisco Xavier, cofundador da Companhia de Jesus e conhecido como “Apóstolo do Oriente”, por sua intensa atividade em países como o Japão. Contemplei o relicário com os ossos de sua mão. Dizem que foi o missionário que mais batizou pessoas desde o apóstolo Paulo. Dei três passos e já estava na capela do Sagrado Coração de Jesus. Mil coisas passavam pela minha cabeça. Como sacerdote do Sagrado Coração, aquele lugar era muito importante para mim. No entanto algo ainda mais incrível me esperava.

Parei diante da imensa imagem do Sagrado Coração, exposta apenas no mês de junho, no altar central, dedicado ao Santíssimo Nome de Jesus. Fiz piedosamente a minha prece. No lado esquerdo do altar visitei o túmulo de Santo Inácio de Loyola. Um turista ao lado sussurrou em meus ouvidos, em italiano, que detrás daquele quadro existe uma imponente imagem do santo... mas que é exposta apenas uma vez por ano, no dia de sua festa. Foi então que entrei em uma capelinha discreta, ao lado. Logo me chamou a atenção um belíssimo ícone de Maria com o Menino Jesus nos braços. Não entendi muito bem o forte esquema de segurança com vidros à prova de bala, sistema de detecção de movimentos a laser, câmeras e outros. Ao meu lado um devoto me disse que aquela era a padroeira dos peregrinos, dos que estão na estrada, a caminho. Portanto, era a minha padroeira,

um padre brasileiro em busca do sonho de um doutorado em Roma, no coração da Igreja. Depois fiquei sabendo que, em 2003, ela havia sido declarada oficialmente padroeira dos responsáveis pela limpeza urbana de Roma: os *Netturbini romani*.

A beleza exterior daquela imagem me deixou perplexo, encantado. O olhar sereno, as cores fortes e os adornos de joias raras me deixaram impressionado. Uma belíssima coroa de ouro na Virgem e outra no Menino, brincos de brilhante e mil detalhes nobres me faziam timidamente repetir a prece aprendida na infância: “Salve, Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve!”.

Minha piedade foi interrompida pelo relógio que apontava para o horário da entrevista. Apresssei o passo e deixei um pedaço do meu coração naquela capela dedicada à *Madonna della Strada*.

Fui aceito no doutorado e, a partir daquele dia, o percurso tornou-se rotineiro. Sempre que possível, passava pela capela da minha “Madrinha” para fazer uma prece de peregrino devoto. Acabei conhecendo o velho sacristão daquela igreja, que me revelou detalhes curiosos da imagem. Era do tempo de Santo Inácio. Antigamente, naquele lugar, havia uma pequena capela da família Astalli. Sua origem se perdia no tempo e, segundo alguns historiadores, poderia remontar ao século 5. Sua posição era estratégica: ficava na encruzilhada de várias estradas que levavam peregrinos de todos os lugares do mundo a Roma para receber a bênção do papa. O afresco de Maria, feito em gesso, poderia ser dos séculos 13 ou 14. Estava na parede externa da igreja e saudava os romeiros que chegavam. Por isso, ficou conhecida como *Madonna della Strada*: Nossa Senhora da Estrada. Essa igreja foi

confiada a Santo Inácio pelo Papa Paulo III, em 1540. Ali os primeiros padres jesuítas celebravam e davam catequese. É o berço dessa grande congregação religiosa. No final de 1550, Inácio resolveu construir uma imensa igreja naquele lugar. Uma série de dificuldades sempre impediu o avanço da obra. Em 1554, o projeto chegou a ser confiado a Michelangelo, mas apenas em 1568, doze anos após a morte de Inácio de Loyola, foi realmente colocada a primeira pedra do que seria a *Chiesa del Gesù*. Em 1575, o afresco da *Madonna della Strada* foi transferido para o interno da igreja, na capela em que o conheci. Naquele lugar os antigos jesuítas costumavam professar seus votos religiosos.

Visitar a capela da *Madonna della Strada* tornou-se uma devoção pessoal muito forte. Fui deixando de lado a curiosidade histórica e artística e chegando ao coração da Menina de Nazaré, que sempre aponta para seu Filho, a verdadeira “estrada” que nos leva para a verdade e para a vida.

Entramos no ano de 2006 e a devoção foi ficando cada vez mais intensa. Mas um dia, ao chegar à mesma igreja para fazer minha costumeira prece, fui surpreendido por um imenso vazio. O vidro estava aberto e todo o sistema de segurança desligado. Meu coração quase saiu pela boca. A primeira coisa em que pensei foi em roubo de arte sacra. Corri para a sacristia e encontrei o paciente sacristão cumprindo calmamente sua rotina. Quase não conseguia articular bem o meu tosco italiano de principiante: “*Cosa è successo?*” (O que aconteceu?). Ele respondeu: “Calma, padre. Levaram o ícone da *Madonna della Strada* para a restauração. Acabaram de restaurar o antigo crucifixo e agora chegou a vez da imagem da Virgem”.

Senti-me órfão. A capela vazia provocava certa dor em minha alma. Quanto tempo iria demorar a restauração? Ninguém sabia ao certo. O que haveria para restaurar em uma arte tão bela? Aos poucos fui ficando refeito do susto inicial e comecei a rezar diante do altar vazio. Toda ausência é uma forma de presença.

Não sei ao certo quanto tempo permaneci ali. Um misto de êxtase, sono e distração tomou conta de mim. Mil perguntas povoavam meu pensamento. Tentava decifrar o enigma da imagem. Como afluentes de um grande rio, todas as perguntas se uniam em coro a uma só questão: “Qual seria a verdadeira história da Virgem Maria?”. Meu pensamento sobrevoou dois mil anos. Quem seria aquela frágil menina que, com uma palavra, foi capaz de mudar o mundo? Uma voz suave de mãe começou, então, a sussurrar nos porões de minha alma. Iniciei um minuto eterno de contemplação... como havia aprendido com Santo Inácio de Loyola.